



## Influência do Locus de Controle Na Resiliência de Pós-Graduandos: Um Estudo com Alunos dos Cursos de Negócios

*Influence of the Locus of Control on the Resilience of Graduate Students: A Study with Students of Business Courses*

Francielle Corazza<sup>1</sup>

André Carlos Einsweiler<sup>2</sup>

Antonio Zanin<sup>3</sup>

Cristian Baú Dal Magro<sup>4</sup>

Edicreia Andrade dos Santos<sup>5</sup>

### Resumo

Este artigo objetivou analisar a influência do locus de controle na resiliência dos alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu* da área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. A amostra final foi composta de 145 alunos e os dados foram tratados por meio de estatística descritiva, análise fatorial e regressão múltipla. Dentre os resultados, evidencia-se que os alunos com locus de controle interno predominante têm maiores estímulos para serem resilientes frente aos desafios diários da alta carga de estudos. Eles acreditam em seus esforços e habilidades para o alcance dos resultados, apresentam maior competência pessoal, aceitação de si mesmo e da vida e maior autoconfiança. Por outro lado, alunos com locus de controle externo maior, encontram dificuldades de serem resilientes na competência pessoal e autoconfiança. O estudo, portanto, contribui com alunos e coordenadores dos programas de pós-graduação para maior entendimento do locus de controle e suas influências na resiliência.

**Palavras-chave:** resiliência; locus de controle; programas de pós-graduação; *stricto sensu*.

### Abstract

*This article aimed to analyze the influence of the locus of control on the resilience of students of stricto sensu graduate programs in the area of Public and Business Administration, Accounting Sciences, and Tourism. The final sample consisted of 145 students, and the data were treated using descriptive statistics, factor analysis, and multiple regression. Among the results, it is evident that students with a predominant internal locus of control have higher stimuli to be resilient in the face of the daily challenges of the heavy load of studies. They believe in their efforts and abilities to achieve results, show greater personal competence, acceptance of themselves and life, and greater self-confidence. On the other hand, students with a bigger external locus of control find it difficult*

---

1 Mestre em Ciências Contábeis e Administração na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).

2 Mestre em Ciências Contábeis e Administração na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Professor na Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC).

3 Doutor em Engenharia de Produção Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Escola de Administração e Negócios (ESAN).

4 Doutor em Ciências Contábeis e Administração Universidade Regional de Blumenau (FURB), Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis e Administração da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).

5 Doutora em Contabilidade pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

to be resilient in terms of personal competence and self-confidence. The study, therefore, contributes to graduate programs students and coordinators to a better understanding of the locus of control and its influences on resilience.

**Keywords:** resilience; locus of control; graduate programs; *stricto sensu*.

## 1 INTRODUÇÃO

As capacidades e habilidades dos indivíduos estão em constante evolução, principalmente quando se deparam com condições adversas. Nessa situação, emerge a resiliência que determina a forma como os indivíduos se adaptam às adversidades do dia a dia no trabalho, estudos, convivência com amigos, prática de esporte ou outro ambiente qualquer (Coronado-Hijón & Paneque Folch, 2015).

A resiliência está ligada à capacidade do indivíduo de se regenerar de contratempos, ou seja, está vinculada a atitudes proativas e estruturadas para o enfrentamento de imprevistos. Portanto, os indivíduos com este atributo conseguem superar as dificuldades com maior facilidade (Pettit, Fiksel, & Croxton, 2010). Apesar de não haver um consenso acerca das características que formam a resiliência, alguns estudos creditam isso à flexibilidade dos indivíduos (Pettit *et al.*, 2010).

A resiliência tem sido uma capacidade essencial para os indivíduos obterem alto rendimento em tarefas complexas e desgastantes (Coronado-Hijón & Paneque Folch, 2015) nos mais diferentes contextos. Com alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu*, os quais exigem dos estudantes dedicação, alta carga de estudo e demanda de atividades, a capacidade de resiliência é substancialmente importante. A resiliência destes alunos torna-se primordial para o seu sucesso profissional, mental e na qualidade de vida (Barlach, Limongi-França, & Malvezzi, 2008), além de habilitá-los a concluir a pós-graduação com êxito.

Barlach *et al.* (2008) argumentam que os alunos de cursos *stricto sensu* passam por distintas situações de pressão, como: grau de pressão interna (cansaço físico e emocional, alterações fisiológicas, entre outras); grau de pressão na interação com a família; grau de pressão na vida social; grau de pressão no trabalho; grau de pressão quanto ao tempo livre (descanso e lazer); e grau de pressão na esfera econômica. Diante das adversidades, Rogge e Lourenço (2015) destacam que os acadêmicos manifestam grande sensação de incapacidade frente aos desafios, com choro, estresse e desânimo. Há relatos de acadêmicos que se questionam sobre sua capacidade de dar conta de toda a demanda, sendo essa sensação de impotência, na maioria das vezes, superada pela importância de se cumprir uma meta pessoal.

Aliado a isso, tem-se o *locus* de controle o qual afeta o modo como se desenvolve a resiliência nos indivíduos. Reconhece-se até que ponto os indivíduos percebem o sucesso ou o fracasso na vida como sendo autodeterminado (*locus* de controle interno) *versus* o papel do acaso ou do controle de outros (*locus* de controle externo) (Xue, Kidd, Le, Kirk, & Martin, 2020). Os indivíduos que possuem predominantemente o *locus* de controle interno acreditam em suas competências e habilidades e que os resultados alcançados só dependem das suas ações (Rotter, 1966; Kaufmann, Welsh, & Bushmarin, 1995; Vera Noriega, Albuquerque, Laborín Alvarez, Oliveira, & Coronado, 2003; Xue *et al.*, 2020). Por outro lado, os indivíduos com *locus* de controle externo mais acentuado culpam os outros pelos resultados negativos e também acreditam que o mundo abstrato é capaz de modificar o percurso das ações (Rotter, 1966; Kaufmann *et al.*, 1995; Vera Noriega *et al.*, 2003; Xue *et al.*, 2020). Sendo assim, Luthar (1991) afirma que as pessoas com *locus* de controle interno predominante são pouco afetadas pelo alto estresse, enquanto que aquelas com um *locus* de controle externo mais acentuado apresentam um declínio no rendimento pelo aumento nos níveis de estresse.

Pesquisas anteriores investigaram a relação entre a resiliência e *locus* de controle (Connor, 2006; Damascena, França, & Silva, 2016; Haveroth, Ganz, Bilk & Silva, 2019). Connor (2006), por exemplo, estudou as características das pessoas resilientes e mostrou que elas apresentam um *locus* de controle interno associado ao forte senso de compromisso para si mesmo, e uma capacidade de ver à mudança como um desafio. Evidenciou também que os indivíduos resilientes com *locus* de controle interno acreditam que o estresse pode ter efeito fortalecedor, aumentando a capacidade para se adaptarem às mudanças. Ao contrário, esses fatores não são intrínsecos às pessoas com *locus* de controle externo.

Nesse contexto, espera-se que estudantes com características de *locus* de controle interno, estejam sob seu próprio controle (esforço pessoal, competência, etc.), e aqueles com características de *locus* de controle externo direcionem o controle da sua vida por meio do destino, sorte, chance, dentre outros (O'Brien, 1984). Portanto, os sujeitos com orientação interna apresentam maior resistência à coerção, aceitam mais os desafios, apresentam maior persistência no esforço para obtenção de resultados e são mais resistentes à influência social (Rodrigues & Pereira, 2007). Em contrapartida, os sujeitos com orientação externa sofrem maiores influências afetivas e são passíveis de influências persuasivas, ou seja, sentem que fatores externos têm um controle maior sobre sua vida, exigem mais dos outros, tem uma dependência emocional e funcional, são mais afetados por críticas e pelos elogios, e, conseqüentemente, possuem menos resiliência (Dela Coleta, 1982).

A partir das duas personalidades de indivíduos pelos diferentes locus de controle (interno e externo), sugere-se haver comportamentos distintos na forma como eles enfrentam as dificuldades, mudanças e adaptações da vida, e, por isso, algumas pessoas possuem maior resiliência. Diante do exposto, apresenta-se a seguinte questão de pesquisa: *Qual a influência do locus de controle na resiliência dos alunos de Programas de Pós-Graduação stricto sensu?* Assim, o estudo tem como objetivo analisar qual a influência do locus de controle na resiliência dos alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu* da área de negócios (Administração, Contabilidade e Turismo). A amostra final compreendeu 145 alunos e a análise dos dados foi realizada por meio de estatística descritiva, análise fatorial e regressão linear múltipla.

A partir do exposto, justifica-se este estudo pela sua contribuição para a literatura com enfoque na resiliência dos indivíduos cuja temática é relevante dada à necessidade de investimentos em prevenção de problemas e a promoção de saúde mental dos indivíduos em quaisquer que sejam as áreas de atuação (Pesce, Assis, Avanci, Santos, Malaquias, & Carvalhaes, 2005; Haveroth et al., 2019). Haveroth et al. (2019) argumentam que, no âmbito da educação, a resiliência desempenha um papel importante, pois favorece o desenvolvimento de distintas habilidades (sociais, acadêmicas e pessoais) que possibilitam que o aluno supere as adversidades e tenha sucesso acadêmico, profissional e pessoal.

Esta pesquisa alinha-se também a outras que buscaram contribuir com uma formação mais equilibrada e flexível na vida dos alunos de pós-graduação e a partir do locus de controle (Begley & Boyd, 1987; Kaufmann et al., 1995; Portzky, Wagnild, De Bacquer, & Audenaert, 2010; Rogge & Lourenço, 2015; Damascena et al., 2016; Haveroth et al., 2019). Ademais, o estudo oferece contribuições associadas à melhoria na qualidade de vida dos alunos de pós-graduação *stricto sensu*, ao passo que é necessário compreender se determinado tipo de locus de controle exerce influência sobre a resiliência e possibilita que haja um estímulo para seu desenvolvimento. Isso fará com que os alunos obtenham maior equilíbrio emocional (resiliência) para lidar com a sobrecarga de tarefas (estudos), melhorando o desempenho acadêmico.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Resiliência individual

A resiliência tem sido compreendida pelas características de indivíduos, empresas, objetos e/ou sistemas (Denhardt & Denhardt, 2010). No tocante, a resiliência individual é definida pela capacidade do indivíduo de seguir em frente, a partir de experiências negativas, estressantes ou traumáticas (Tugade & Fredrickson, 2004). Em linhas gerais, a resiliência individual se refere ao processo de adaptação e/ou desenvolvimento no combate aos riscos e adversidades (Zautra, Hall, & Murray, 2010), evidenciando assim a capacidade do indivíduo de se manter positivo em momentos de crises ou ameaças (Masten & Wright, 2010).

Para Reich, Zautra e Hall (2010), a resiliência pode ser compreendida em diversos níveis, como dos aspectos biológicos, emocionais e comportamentais; na análise das fases de vida humana; na dimensão social da comunidade; e pelas diferenças éticas e culturais. No que tange à resiliência humana, embora a capacidade de crescer diante das adversidades seja consenso entre os autores, ainda existem contradições sobre a resiliência fazer parte da natureza genética de um indivíduo ou pela possibilidade de ser desenvolvida mediante intervenções ao ser humano (Richardson, 2002).

Para Reich *et al.* (2010), existem dois temas centrais que conceituam a resiliência, sendo: (i) a habilidade de se recuperar de um estresse, ou capacidade de reaver o equilíbrio (físico e psíquico) e a recuperação do estado saudável e produtivo; e (ii) a adaptação à adversidade na produção de equilíbrio e melhoria das competências funcionais. Garnezy, Masten e Tellegen (1984) reconhecem a importância de compreender a resiliência no processo de desenvolvimento humano, buscando identificar como as pessoas que tinham tudo contra si, alcançaram o sucesso profissional, financeiro e pessoal. Ademais, todo ser humano passa por algum sofrimento em algum momento da vida e, assim, é preciso enfrentar ou, mais que isto, ser flexível como uma árvore que se dobra pela pressão do vento e depois volta à posição normal. Desse modo, e para que isso ocorra, é necessário que os indivíduos tenham certo grau de resiliência (Silveira & Mahfoud, 2008).

No ambiente acadêmico, mais especificamente de pós-graduação *stricto sensu*, Rogge e Lourenço (2015) destacam que há possíveis relações entre as características internas e externas da resiliência (bom humor, empatia, independência, autoconfiança, reflexão, sociabilidade, valores positivos, autoeficácia, aceitação positiva de mudança e orientação positiva para o futuro) e na capacidade de superar pressões do ambiente universitário. Todavia, apesar de haver inter-relação entre as características de resiliência (sensação de incapacidade, sentimento de culpa, desgaste físico e emocional, escassez de tempo), não é possível concluir que alguns indivíduos podem ser resilientes, tendo em vista a sua condição prévia. Nesse sentido, sugere-se que o locus de controle pode ser fator preponderante para determinar a resiliência dos alunos de pós-graduação *stricto sensu*.

## 2.2 Lócus de Controle e Resiliência

O lócus de controle refere-se à expectativa dos indivíduos com relação às contingências de suas próprias atitudes (Rotter, 1966), ou seja, refere-se ao modo como uma pessoa percebe a associação de seus esforços aos resultados pessoais. Para Dela Coleta (1982), o lócus de controle mostra a percepção das pessoas sobre a fonte de controle dos acontecimentos em que estão envolvidas, variando ao longo de um continuum.

O lócus de controle pode ser segregado em duas dimensões: (1) interno e; (2) externo, que é subdividido em lócus de controle de outros poderosos e lócus de controle do acaso. O lócus de controle interno mede o grau em que o sujeito acredita que é responsável pelo controle da sua vida (Dela Coleta, 1982). Por sua vez, a dimensão externa, a partir do lócus de controle dos outros poderosos, mede a percepção do indivíduo em ser controlado por pessoas poderosas e; o lócus de controle do acaso mede a percepção do indivíduo ser controlado pelo acaso, sorte ou destino (Dela Coleta, 1982).

Rotter (1966) identifica que as pessoas com lócus de controle interno predominante entendem que o alcance dos resultados está controlado por seus esforços e competências. Assim, os indivíduos com orientação interna acreditam que os resultados de um evento são consequência das suas ações, habilidades, esforços e estão sob seu controle (Kaufmann *et al.*, 1995; Vera Noriega *et al.*, 2003), bem como tendem a atribuir a si mesmos as responsabilidades pelo que acontece a eles, e com isso, se sentem responsáveis pelo controle da maior parte das situações que enfrentam. Loosemore e Lam (2004) afirmam que os indivíduos com esta orientação conseguem: (i) estar concentrados em oportunidades no ambiente para alavancar a possibilidade de atingir seus objetivos; (ii) se engajar em ações de melhoramento no seu ambiente; (iii) disponibilizar mais esforço para alcance dos objetivos; (iv) ter mais foco no desenvolvimento de suas próprias habilidades; (v) elaborar mais perguntas; e (vi) memorizar mais informações.

Por consequência, Begley e Boyd (1987) apontam a necessidade de compreender a relação lócus de controle com o perfil dos alunos, sejam eles de graduação, pós-graduação *latu* ou *stricto sensu*. Rodrigues (2007), por exemplo, identificou que o lócus de controle interno de alunos universitários está relacionado positivamente com a felicidade, bem-estar, afeto do ponto de vista positivo e satisfação com a vida.

Para Grotberg (2005), indivíduos resilientes são capazes de enfrentar as adversidades da vida com maior competência pessoal, aceitação e autoconfiança sobre si e sobre a vida. Ademais, Conner (1995) identifica que os indivíduos com alto nível de resiliência estão preparados e conseguem absorver de forma imediata as transformações, apresentando poucas disfunções causadas por essas alterações, ou seja, são indivíduos que possuem, com maior predominância, o controle interno e se adaptam às mudanças facilmente. Assim sendo, tem-se a seguinte hipótese de pesquisa:

$H_1$ . O lócus de controle interno afeta positivamente o nível de resiliência dos alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Por outro lado, o indivíduo que possui predominantemente orientação externa (lócus de controle externo) acredita que os resultados de um evento estão além do seu controle (Kaufmann *et al.*, 1995; Vera Noriega *et al.*, 2003). As pessoas com esta orientação possuem a crença de que o alcance dos resultados depende de qualquer outro fator externo e não delas mesmas, como por exemplo: sorte, fé, outras pessoas ou ao acaso (Rotter, 1966). Geralmente, são pessoas que acreditam que o destino, a sorte ou Deus são responsáveis pelo que lhes ocorre (Rotter, 1966).

O lócus de controle externo tem sido relacionado a uma maior capacidade de produzir o seu efeito habitual, de funcionar normalmente. Os indivíduos que buscam na crença o seu sucesso dependem mais de fatores externos do que internos e, frequentemente, apresentam maior apreço aos seus liderados. Outro resultado positivo associado a esta orientação é a amplitude para lidar com os eventos inesperados (Loosemore & Lam, 2004).

Para Klonowicz (2001) e Rodrigues (2007), os indivíduos com lócus de controle externo possuem níveis mais baixos de bem-estar subjetivo. Nessa direção, Albuquerque, Vera Noriega, Martins e Neves (2008) argumentam que o indivíduo pode sofrer variação no nível de felicidade, dependendo do padrão exigido adotado. Nesse caso, ele acredita que ao se manter imparcial com a realidade, o lócus de controle do acaso é responsável por tudo na vida, e que seu nível de resiliência diminui, pois, qualquer esforço para influenciar ou modificar sua realidade será inútil. Ainda nessa linha, Haveroth *et al.* (2019) analisaram a relação entre as características sociais de alunos de contabilidade, lócus de controle e resiliência, e concluíram haver uma relação negativa entre a resiliência e o lócus de controle externo dos outros poderosos. Desse modo, apresenta-se a segunda hipótese de pesquisa:

$H_2$ . O lócus de controle externo dos outros poderosos (controle externo do acaso) afeta negativamente o nível de resiliência dos alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu*.



### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 População e Amostra da Pesquisa

A população da pesquisa compreende os alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu* dos cursos de Ciências Contábeis, Administração e Turismo, das universidades públicas, privadas e comunitárias do estado de Santa Catarina, totalizando 485 mestrandos e doutorandos devidamente matriculados no segundo semestre de 2018. Desse modo, a amostra final foi composta de 145 alunos que responderam ao questionário por completo, representando 29,9% da população.

#### 3.2 Instrumento de pesquisa, coleta e tratamento dos dados

O estudo foi desenvolvido com base em um instrumento de três partes, contendo as informações em questionário devidamente estruturado: (i) perfil do respondente; (ii) construto de resiliência; e (iii) construto multifatorial de locus de controle. O questionário de resiliência possui 25 itens, e foi baseado no estudo de Wagnild e Young (1993) com versão adaptada para o português por Pesce *et al.* (2005). O questionário de locus de controle é baseado no estudo de Levenson (1981), adaptado ao contexto brasileiro por Dela Coleta (1982). Evidencia-se que nas etapas “ii” e “iii” foi utilizada a escala *Likert* de cinco pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), validada e adaptada ao contexto brasileiro.

O instrumento da pesquisa foi disponibilizado aos respondentes por meio da plataforma do Google Docs., cujo *link* foi enviado aos coordenadores dos programas de pós-graduação *stricto sensu* que encaminharam aos mestrandos e doutorandos de seus respectivos cursos durante o período de setembro a novembro de 2018.

A Tabela 1 identifica as variáveis utilizadas, bem como autores que dão sustentação para a análise da influência do locus de controle na resiliência dos alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Tabela 1. Composição das variáveis do estudo

Variáveis	Descrição	Descrição	Autores de base
Dependente	RESIL	Resiliência calculada pela média de cada respondente.	Wagnild e Young (1993); Pesce <i>et al.</i> (2005); Damascena <i>et al.</i> (2016).
Independente	LCI	Subdimensão de locus de controle interno, calculado pela média de cada respondente.	Rotter (1966); Levenson (1981); Dela Coleta (1982); Damascena <i>et al.</i> (2016).
	LCE	Subdimensão de locus de controle externo, calculado pela média de cada respondente.	Rotter (1966); Levenson (1981); Dela Coleta (1982); Damascena <i>et al.</i> (2016).
	LCP	Subdimensão de locus de controle dos outros poderosos, calculado pela média de cada respondente.	Rotter (1966); Levenson (1981); Dela Coleta (1982); Damascena <i>et al.</i> (2016).
	LCC	Subdimensão de locus de controle do acaso, calculado pela média de cada respondente.	Rotter (1966); Levenson (1981); Dela Coleta (1982); Damascena <i>et al.</i> (2016).
Controle	Gênero	<i>Dummy</i> igual a 1 para respondentes do sexo feminino e 0 do sexo masculino.	Reed, Kratchman e Strawser (1994); Fernandes, Lima, Vieira, e Niyama (2011); Santos (2011); La Rosa (2012).
	Estado Civil	<i>Dummy</i> igual a 1 para respondentes casados e 0 caso contrário.	Reed <i>et al.</i> (1994); Fernandes <i>et al.</i> (2011); Santos (2011); La Rosa (2012).
	Renda	1: mais de um e até três sal. min.; 2: mais de três e até cinco sal. min.; 3: mais de cinco e até dez sal. min.; 4: mais de dez e até vinte sal. min.; 5: mais de vinte sal. min.	Reed <i>et al.</i> (1994); Fernandes <i>et al.</i> (2011); Santos (2011); La Rosa (2012).
	Filhos	<i>Dummy</i> igual a 1 para respondentes com filho(s) e 0 caso contrário.	Reed <i>et al.</i> (1994); Fernandes <i>et al.</i> (2011); Santos (2011); La Rosa (2012).

Fonte: Elaborado pelos autores.

Destaca-se que foi elaborada a análise de confiabilidade do instrumento e verificou-se que o *Alfa de Cronbach* apresentou um resultado de 0,855 no construto da resiliência, e de 0,763 no de locus de controle.

Para análise dos dados, primeiramente foi aplicada a estatística descritiva. Em seguida, aplicou-se a análise fatorial exploratória nas questões de resiliência para segregá-las em fatores. Por fim, aplicou-se a regressão linear múltipla entre as variáveis de características pessoais, do locus de controle interno, locus de controle externo dos outros poderosos e do acaso, com relação às variáveis de resiliência geradas a partir da análise fatorial. Todos os procedimentos de análise dos dados foram aplicados com o uso do *software* SPSS versão 21.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Perfil dos respondentes

Apresenta-se a seguir a Tabela 2 com informações descritivas de perfil dos respondentes. Os achados indicam que 45,5% dos pesquisados são do gênero masculino e 54,5% do gênero feminino. Em relação ao estado civil, 44,1% são solteiros e 55,9% casados. A respeito da renda, 11% recebem entre um a três salários mínimos, 20,7% de três a cinco salários mínimos, 42,80% ganham de cinco a 10 salários mínimos, 20,7% se enquadram entre 10 a 20 salários mínimos e 4,8% acima de 20 salários mínimos. Por fim, 59,3% não possuem filhos, em contrapartida, 40,7% possuem filhos.

Tabela 2. Estatística descritiva

Variáveis	Categorias	Frequência	LCI	LCP	LCC	RESIL
Gênero	Homens	66 45,50%	3,670 (0,5219)	2,072 (0,5517)	2,140 (0,5131)	3,884 (0,3940)
	Mulheres	79 54,50%	3,747 (0,4376)	2,158 (0,6534)	2,321 (0,6004)	3,948 (0,4583)
Estado civil	Solteiro(a)	64 44,10%	3,656 (0,4682)	2,205 (0,6537)	2,357 (0,5213)	3,915 (0,4429)
	Casado(a)	81 55,90%	3,756 (0,4833)	2,051 (0,5655)	2,145 (0,5881)	3,921 (0,4223)
Renda	Mais de 1 até 3 salários mínimos	16 11,00%	3,797 (0,3870)	2,398 (0,8129)	2,563 (0,5737)	3,890 (0,3788)
	De 3 até 5 salários mínimos	30 20,70%	3,579 (0,4434)	2,246 (0,5803)	2,275 (0,5903)	3,829 (0,4115)
	De 5 até 10 salários mínimos	62 42,80%	3,635 (0,4966)	2,200 (0,5495)	2,327 (0,4646)	3,935 (0,4902)
	De 10 até 20 salários mínimos	30 20,70%	3,917 (0,4576)	1,762 (0,5079)	1,937 (0,5934)	3,993 (0,3644)
	Mais de 20 salários mínimos	07 4,8%	3,893 (0,4645)	1,750 (0,3819)	1,857 (0,5838)	3,903 (0,3199)
Filhos	Não	86 59,30%	3,674 (0,4331)	2,196 (0,6131)	2,346 (0,5520)	3,935 (0,4452)
	Sim	59 40,70%	3,767 (0,5892)	2,006 (0,5892)	2,083 (0,5583)	3,894 (0,4093)

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se que as mulheres apresentam um *locus* de controle maior – em todas as dimensões (interno, poderosos e acaso) – do que os homens, diferenciando-se dos achados do estudo de Damascena *et al.* (2016), os quais concluíram que os homens possuem um *locus* de controle maior que as mulheres. Destaca-se que a maior média foi no LCI, indicando que os alunos de *stricto sensu* do gênero feminino acreditam que o controle de sua vida depende somente delas mesmas e não do acaso ou de fatores abstratos de superstição.

Sobre a resiliência, as mulheres apresentam média superior comparadas aos homens, constando-se assim que o gênero feminino tem mais facilidade para enfrentar situações de estresse e para superar as adversidades. Com relação ao estado civil, observa-se que o LCI é maior para os respondentes casados, ou seja, os alunos casados possuem maior LCI do que os alunos solteiros. Já o LCC e LCP são maiores entre os solteiros, ou seja, os alunos solteiros atribuem seus esforços às outras pessoas ou à sorte. Por fim, tem-se que a resiliência também é maior entre os respondentes casados, corroborando achados de Scorsolini-Comin e Santos (2011).

No que tange a renda, pode-se observar que os alunos que recebem entre 10 a 20 salários mínimos foram os que apresentaram LCI mais elevado. Em contrapartida, aqueles que ganham entre três a cinco salários mínimos tiveram o LCP e LCC mais alto. E, sobre a renda associada à resiliência, aqueles que recebem de 10 a 20 salários mínimos continuam tendo a maior média, enquanto que aqueles com renda entre três a cinco salários mínimos apresentam-se menos resilientes.

Os resultados confirmam as inferências de Serin, Serin e Sahin (2010), em que os alunos com maior renda têm mais controle interno do que aqueles com renda baixa e média. Por último, relacionado a ter filhos ou não, os respondentes com filhos possuem LCI maior que aqueles sem filhos. Porém, aqueles que não têm filhos são mais resilientes do que os respondentes que possuem filhos.

## 4.2 Análise fatorial

A Tabela 3 evidencia os resultados da análise fatorial exploratória aplicada nas questões que compuseram o construto de resiliência.

Tabela 3. Análise fatorial das questões de resiliência

Questões	Fator 1	Fator 2	Fator 3
1. Quando eu faço planos, persisto com eles.	0,784		
2. Eu, normalmente, lido com os problemas de uma forma ou de outra.	0,513		
3. Eu sou capaz de depender de mim mesmo mais do que dos outros.		0,478	
4. Manter o interesse nas coisas é importante para mim.			0,734
5. Eu posso ficar sozinho se eu precisar.			0,610
6. Eu sinto orgulho por ter obtido coisas em minha vida.			0,432
7. Eu, normalmente, consigo as coisas sem muita preocupação.		0,569	
8. Eu sou amigo comigo mesmo.		0,671	
9. Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo.	0,427		
10. Eu sou determinado.	0,793		
11. Eu raramente penso sobre a razão das coisas.			0,374
12. Eu faço as coisas um dia de cada vez.		0,328	
13. Eu supero momentos difíceis por ter passado várias dificuldades.	0,470		
14. Eu tenho autodisciplina.	0,799		
15. Eu mantenho o interesse nas coisas.	0,721		
16. Eu, normalmente, posso achar um motivo para rir.		0,479	
17. Minha crença em mim mesmo me faz superar momentos difíceis.		0,683	
18. Em uma emergência, geralmente, as pessoas podem contar comigo.		0,373	
19. Eu sempre olho para uma situação de maneiras diferentes.		0,524	
20. Às vezes eu me obrigo a fazer coisas, querendo ou não.			0,354
21. Minha vida tem significado.			0,497
22. Eu não fico me estendendo com coisas que eu não posso fazer nada.		0,485	
23. Quando eu estou em uma situação difícil, encontro alguma saída.		0,528	
24. Eu tenho energia suficiente para fazer o que preciso fazer.	0,624		
25. Tudo bem se existem pessoas que não gostam de mim.		0,393	

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que a resiliência foi agrupada em três fatores, assim definidos: Fator 1 – competência pessoal; Fator 2 – aceitação de si mesmo e da vida; e Fator 3 – autoconfiança. Os resultados corroboram com as categorias geradas pelos estudos de Pesce *et al.* (2005), e diferem da pesquisa feita por Wagnild e Young (1993), em que eles consideraram apenas dois fatores: a competência pessoal e a aceitação de si mesmo e da vida. Os três fatores explicaram 40,9% da variância total do modelo, corroborando Corrar, Paulo, Dias Filho e Rodrigues (2011), que confirmaram a validação da técnica pelo resultado superior (30%).

Os resultados obtidos, pelo critério *Varimax*, evidenciaram no primeiro fator o agrupamento de oito variáveis. E, a partir dessas variáveis, entende-se que ao fazer planos aumenta-se a resiliência (0,784), assim como ser determinado(a) (0,793), ter disciplina (0,799), e manter o interesse pelas coisas (0,721). A natureza destas variáveis permite inferir sobre a denominação do primeiro fator, o qual se refere às atividades de competência pessoal para melhorar a forma de ser mais resiliente.

O segundo fator foi explicado por 11 variáveis originais, denominadas de aceitação de si mesmo e da vida, o qual explicou 7,8% (0,078). E, a partir deste fator, entende-se que acreditar em si mesmo, ter confiança em si mesmo (0,683), olhar para uma situação de formas diferentes (0,524), e encontrar uma saída nos momentos difíceis (0,528) torna o indivíduo resiliente.

Por fim, o terceiro fator foi explicado por seis variáveis, denominadas de autoconfiança, o qual explicou 6,6% (0,066). A partir deste, entende-se que o interesse pelas coisas é um modo para ser resiliente (0,734), pois observa-se que ficar sozinho(a) quando for preciso é ser resiliente (0,610), e ter um significado para a vida (0,497) também satisfaz os meios de ser resiliente.

### 4.3 Regressão linear múltipla

Na sequência, apresentam-se os resultados da regressão linear múltipla da influência dos lócus de controle interno, externo dos outros poderosos e do acaso sobre os fatores de resiliência, conforme Tabela 4. Em primeiro lugar, destaca-se que foram atendidos a todos os pressupostos da regressão linear múltipla. A autocorrelação dos resíduos foi atendida pelo teste de *Durbin-Watson* em que todos os modelos ficam próximos de dois. A multicolinearidade foi atendida pelo fator de inflação da variância (VIF), em que todas as variáveis apresentaram resultados menores de 10. Os modelos apresentaram homocedasticidade pela não significância no teste de *Pesarán-Pesarán*. Por fim, a significância ao nível de 5% no teste ANOVA, mostrou a viabilidade nos modelos.

Tabela 4. *Influência do lócus de controle (interno, e externo - dos outros poderosos e do acaso) sobre os fatores de resiliência*

Variáveis explicativas	Resiliência (Fator 1): Competência pessoal		Resiliência (Fator 2): Aceitação de si mesmo e da vida		Resiliência (Fator 3): Autoconfiança	
	Coefficiente	Sig.	Coefficiente	Sig.	Coefficiente	Sig.
LCI	0,509	<b>0,000*</b>	0,521	<b>0,000*</b>	0,307	<b>0,000*</b>
LCP	-0,160	0,116	-0,212	<b>0,016*</b>	-0,176	<b>0,016*</b>
LCC	0,107	0,329	0,167	0,076	0,052	0,508
Gênero	0,073	0,451	-0,078	0,348	0,063	0,361
Estado civil	0,002	0,988	-0,019	0,829	-0,026	0,724
Renda	-0,044	0,383	0,046	0,295	-0,043	0,234
Filhos	-0,043	0,682	-0,127	0,164	-0,111	0,140
R <sup>2</sup>	0,240		0,286		0,211	
Durbin-Watson	2,163		2,151		1,768	
VIF	1,058 à 1,916		1,058 à 1,916		1,058 à 1,916	
Sig. ANOVA	0,000*		0,000*		0,000*	
Pesarán-Pesarán	0,109		0,120		0,001	

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que o R<sup>2</sup> ajustado foi de 24%, 28,6% e 21,1%, respectivamente, para cada modelo de resiliência advindo dos fatores obtidos pela análise fatorial. Desse modo, percebe-se que em todos os modelos testados, as variáveis independentes possuem um poder explicativo para resiliência, que varia de 21% a 28%, resultado similar ao encontrado no estudo de Mansor, Che-Ahmad, Ahmad-Zaluki e Osman (2013).

O resultado da estatística de *Durbin-Watson* evidencia que não há problemas de autocorrelação dos resíduos, pois os valores ficaram próximos de dois. Ademais, o fator de inflação de variância (VIF) e *Tolerance* apresentaram valores menores de 10, sem haver, portanto, problema de multicolinearidade. Conforme Hair Jr., Babin, Money e Samouel (2005), um VIF é considerado alto quando está acima de 10. Verifica-se que o teste ANOVA foi significativo em 5%, ou seja, o conjunto de variáveis independentes exerce influência sobre a resiliência. E, por fim, o teste de *Pesarán-Pesarán* não foi significativo em nenhum dos modelos, rejeitando-se a hipótese nula de homocedasticidade, ou seja, a variância dos resíduos é constante para os modelos de resiliência.

Os achados sugerem que o lócus de controle interno apresentou influência significativa nos três Fatores de resiliência (1, 2 e 3). Conclui-se que os alunos de cursos de pós-graduação de *stricto sensu* com lócus de controle interno são mais resilientes, confirmando-se a hipótese H1 (o lócus de controle interno afeta positivamente o nível de resiliência dos alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu*). Este achado está alinhado com os resultados de Carneiro e Fernandes (2015) em que as pessoas com características de LCI possuem maior autocontrole sobre a vida e, conseqüentemente, tendem a apresentar maior resiliência.

Por outro lado, o lócus de controle externo de outros poderosos (LCP) apresentou influência negativa nos Fatores 2 e 3 da resiliência. Este achado confirma que quanto menor for o LCP dos alunos de *stricto sensu*, mais resilientes se tornam, confirmando-se a hipótese H2 (o lócus de controle externo de outros poderosos afeta negativamente o nível de resiliência dos alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu*). Confirma-se, então, que quanto menor o nível de externalidades, maior será o bem-estar das pessoas, implicando, como consequência, uma atuação mais resiliente para os desafios diários, corroborando com o estudo feito por Albuquerque *et al.* (2008) e Carneiro e Fernandes (2015).



Ademais, o locus de controle externo do acaso (LCC) não apresentou significância em nenhum fator da resiliência. Burger (1989), por exemplo, indica que certas pessoas não assumem a responsabilidade pelos seus insucessos, delegando isso a algo ou alguém – como é o caso do locus de controle externo dos outros poderosos –, e, ao mesmo tempo, não responsabilizam suas atribuições ao acaso, sorte ou destino, como é o caso do locus de controle externo do acaso. Nesse sentido, a preferência deste tipo de indivíduo é encontrar um culpado que não seja abstrato, fazendo com que tenham menor nível de resiliência para o enfrentamento das adversidades diárias.

Adicionalmente, observa-se na Tabela 4 que as variáveis independentes (gênero, estado civil, renda e filhos) não foram estatisticamente significantes para explicar os fatores de resiliência. Nesse sentido, conclui-se que tais características individuais não são indicações importantes para o indivíduo lidar, diferentemente, com as barreiras do dia a dia. Esse achado está alinhado com os da pesquisa de Wagnild e Young (1993), que também não encontraram relações significativas entre essas variáveis e a resiliência, contrariando pesquisas como de Begley e Boyd (1987) e Rodrigues (2007). Portanto, sugerem-se outros aspectos dos indivíduos que podem influenciar na mudança de comportamento frente à resiliência, como por exemplo, formação, experiências vivenciadas, dentre outras.

Na sequência, tem-se o teste de sensibilidade para verificar se pelo agrupamento das variáveis de locus de controle externo (outros poderosos e acaso) foi possível modificar os efeitos observados. A Tabela 5 demonstra a influência do locus de controle interno e externo nos fatores de resiliência.

Tabela 5. *Influência do locus de controle (interno e externo) sobre os fatores de resiliência*

Variáveis explicativas	Resiliência (Fator 1): Competência pessoal		Resiliência (Fator 2): Aceitação de si mesmo e da vida		Resiliência (Fator3): Autoconfiança	
	Beta	Sig.	Beta	Sig.	Beta	Sig.
LCI	0,510	<b>0,000*</b>	0,530	<b>0,000*</b>	0,313	0,000*
LCE	-0,269	<b>0,003*</b>	-0,062	0,430	-0,134	<b>0,038*</b>
Gênero	0,076	0,432	-0,060	0,475	0,074	0,286
Estado civil	0,001	0,999	-0,031	0,730	-0,033	0,654
Renda	-0,043	0,389	0,051	0,246	-0,040	0,275
Filhos	-0,045	0,669	-0,138	0,134	-0,118	0,119
R <sup>2</sup>	0,240		0,258		0,195	
Durbin-Watson	2,168		2,141		1,821	
VIF	1,055 à 1,347		1,055 à 1,347		1,055 à 1,347	
Sig. ANOVA	0,000*		0,000*		0,000*	
Pesáran-Pesáran	0,121		0,314		0,004	

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados confirmam que o locus de controle interno influencia positivamente a resiliência. Por outro lado, o locus de controle externo, observado pelas variáveis conjuntas das dimensões de outros poderosos e do acaso, influencia negativamente a resiliência nos Fatores 1 e 3. Nesse sentido, conclui-se que quanto menor essa orientação dos alunos *stricto sensu*, maior o fator de resiliência no quesito pessoal e autoconfiança. Esse achado alinha-se com a pesquisa de Ng, Sorensen e Eby (2006), em que consideraram que o locus de controle externo pode afetar diretamente o comportamento dos alunos, prejudicando sua qualidade de vida e, conseqüentemente, diminuindo sua competência pessoal e autoconfiança. Contudo, esse achado contraria a pesquisa de Portzky *et al.* (2010), em que encontram uma correlação estatisticamente significativa entre os fatores externos e o Fator 2 de resiliência (aceitação de si mesmo e da vida).

Por fim, elaborou-se um teste de sensibilidade utilizando apenas as variáveis individuais do locus de controle interno e externo, para verificar a influência destas variáveis nos fatores de resiliência, conforme exposto na Tabela 6.

Tabela 6. Teste de sensibilidade da influência do locus de controle (interno e externo) sobre os fatores de resiliência

Variáveis Explicativas	Resiliência (Fator 1): Competência pessoal		Resiliência (Fator 2): Aceitação de si mesmo e da vida		Resiliência (Fator 3): Autoconfiança	
	Beta	Sig.	Beta	Sig.	Beta	Sig.
LCI	0,506	<b>0,000*</b>	0,522	<b>0,000*</b>	0,302	<b>0,000*</b>
LCE	-0,224	<b>0,008*</b>	-0,072	0,326	-0,074	0,232
R <sup>2</sup>	0,226		0,235		0,136	
Durbin-Watson	2,087		2,160		1,792	
VIF	1,020		1,020		1,020	
Sig. ANOVA	0,000*		0,000*		0,000*	
Pesáran-Pesáran	0,037		0,260		0,029	

Fonte: Dados da pesquisa.

Os achados reafirmam que o locus de controle interno influencia positivamente a resiliência em nível de competência pessoal, aceitação de si mesmo e da vida e na autoconfiança dos alunos de pós-graduação *stricto sensu*. Os achados de Vera Noriega *et al.* (2003) confirmam o resultado de que ter maior autonomia e demais fatores do locus de controle interno melhoram as competências pessoais, a aceitação de si mesmo e da vida e a autoconfiança. Diante destas constatações, afirma-se que pessoas com alto LCI são otimistas, e possuem satisfação na vida, e, consequentemente, possuem níveis mais elevados de bem-estar e persistência.

Por outro lado, o locus de controle externo influencia negativamente a resiliência de competência pessoal dos alunos de pós-graduação *stricto sensu*. Os achados de Vera Noriega *et al.* (2003) ajudam a explicar porque ter pensamento de que tudo depende dos outros, sorte ou destino, como é o caso do locus de controle externo, pode interferir apenas nas competências pessoais e não nos demais fatores de resiliência. Pois, segundo os autores, essas pessoas possuem características opostas às das pessoas com locus controle interno, como, por exemplo, apatia, desinteresse, falta de iniciativa, baixa autoestima, pessimismo, desesperança e alienação, afetando principalmente suas competências pessoais.

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi analisar a influência do locus de controle na resiliência dos alunos de programas de pós-graduação de *stricto sensu* na área de Administração Pública de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. Os principais resultados evidenciam que os alunos que recebem entre 10 a 20 salários mínimos possuem a maior média, permitindo inferir que possuem mais resiliência ao passar por situações difíceis, enquanto que, aqueles com renda entre três a cinco salários mínimos são os alunos que menos conseguem administrar as dificuldades, sendo menos resilientes.

A partir da confirmação das hipóteses H1 e H2, H1 evidenciou que os alunos com locus de controle interno, ou seja, aqueles mais autoconfiantes em si mesmos, conseguem ser mais resilientes do que os que possuem maior orientação externa. Tais achados reforçam os argumentos de Loosemore e Lam (2004), de que indivíduos com um locus de controle interno podem estar mais preparados para as oportunidades, visto que possuem maior probabilidade para o alcance dos objetivos e maior comprometimento sobre as tarefas e desafios. Já a H2 confirmou que o locus de controle externo de outros poderosos afeta negativamente o nível de resiliência dos pós-graduandos, evidenciando que quanto menor for a dependência do locus de controle externo de outros poderosos mais resilientes os alunos se tornam.

Observou-se que estudantes do gênero feminino têm maior tendência ao locus de controle interno, fator explicado pelo resultado encontrado na resiliência em um comparativo com homens. Portanto, sugere-se que aqueles com locus de controle interno apresentam tendência para maior resiliência diante dos desafios a serem enfrentados na vida. Contudo, este resultado é obtido apenas pela comparação das médias na estatística descritiva, fator não comprovado pelos modelos de regressão linear múltipla.

Os resultados deste estudo podem contribuir para melhoria da qualidade de vida dos alunos de pós-graduação *stricto sensu*, evidenciando que o locus de controle exerce influência sobre a resiliência. Isso porque os achados desta pesquisa comprovam que pós-graduandos com níveis mais elevados de locus de controle interno possuem maior equilíbrio emocional (resiliência) no enfrentamento de situações de sobrecarga de tarefas (estudos), progredindo também no seu desenvolvimento acadêmico. Ademais, os achados contribuem para auxiliar a minimizar as desistências e aumentar a produtividade dos alunos, identificando aqueles com maior resiliência pela observação do tipo de locus de controle. Assim, os coordenadores de programas de pós-graduação *stricto sensu*, ao identificarem alunos com características de locus de controle externo, podem buscar atuar na modificação das crenças que desestimulam suas habilidades no desenvolvimento das tarefas.

Essa recomendação está alinhada ao apregoado por Richardson (2002) ao indicar que a resiliência humana, apesar de fazer parte da genética, também pode ser desenvolvida por intervenções advindas do próprio ser humano ou da sociedade na qual participa. Isso fará com que os alunos que tenham locus de controle externo consigam obter melhores níveis de resiliência pelo desenvolvimento do equilíbrio emocional relacionado à sobrecarga de tarefas. Estes fatores podem auxiliar na melhoria do desempenho acadêmico dos alunos e, assim, melhorar a produtividade dos programas de pós-graduação *stricto sensu*.

No tocante à contribuição teórica, os resultados dessa pesquisa avançam no entendimento da relação entre o locus de controle e a resiliência de estudantes, conforme recomendado por Haveroth et al. (2019). Ressalta-se também a contribuição para o desenvolvimento interdisciplinar da área de negócios, tanto por abordar áreas distintas de conhecimento, como Psicologia e Negócios, quanto por trazer participantes de diferentes formações (Haveroth et al., 2019). Ademais, os achados também contribuem com a literatura ao reforçar que investigações acerca da interação do sujeito com o ambiente, as características individuais e as de personalidade permitem identificar sinais de atenção para as instituições, de modo que podem inibir sofrimentos durante o processo de formação acadêmica e garantir a melhora como profissional no futuro (Rotter, 1966; Haveroth et al., 2019).

Como outras pesquisas, este estudo possui limitações, das quais se menciona a aplicação do instrumento de pesquisa para uma amostra não probabilística e, por conveniência, concentrada em um único estado brasileiro e com métodos aplicados para o tratamento dos dados. Diante disso, como sugestão para futuras pesquisas, sugere-se estender a amostra, visando alcançar maior número de pós-graduandos de outras regiões brasileiras, além da utilização de outras técnicas estatísticas que possibilitem explorar os dados sob outros ângulos. Outra perspectiva de aplicação da pesquisa é enfatizar as relações das variáveis estudadas com os professores dos cursos de pós-graduação das universidades do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- Albuquerque, F. J. B., Vera Noriega, J. A., Martins, C. R., & Neves, M. T. S. (2008). Locus de controle e bem-estar subjetivo em estudantes universitários da Paraíba. *Psicologia para América Latina*, (13). [Link](#)
- Barlach, L., Limongi-França, A. C., & Malvezzi, S. (2008). O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. *Interamerican Journal of Psychology*, 42(1), 101-112. [Link](#)
- Begley, T. M., & Boyd, D. P. (1987). Psychological characteristics associated with performance in entrepreneurial firms and smaller businesses. *Journal of Business Venturing*, 2(1), 79-93. DOI: [10.1016/0883-9026\(87\)90020-6](#)
- Burger, J. M. (1989). Negative reactions to increases in perceived personal control. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(2), 246-256. DOI: [10.1037/0022-3514.56.2.246](#)
- Carneiro, L. L., & Fernandes, S. R. P. (2015). Bem-estar pessoal nas organizações e locus de controle no trabalho. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 15(3), 257-270. DOI: [10.17652/rpot/2015.3.599](#)
- Conner, D. R. (1995). *Gerenciando na velocidade da mudança*. Infobook.
- Connor, K. M. (2006). Assessment of resilience in the aftermath of trauma. *Journal of Clinical Psychiatry*, 67(2), 46-49. [Link](#)
- Coronado-Hijón, A., & Paneque Folch, M. (2015). Resiliencia al fracaso escolar y desventaja sociocultural: un reto para la Orientación y la Tutoría. In A. Jiménez, & C. Silva (Ed.). *Trauma, Contexto y Exclusión. Promocionando la resiliência* (pp. 119-128). Grupo Editorial Universitario.
- Corrar, L. J., Paulo, E., Dias Filho, J. M., & Rodrigues, A. (2011). *Análise multivariada para os cursos de administração, ciências contábeis e economia*. Atlas.
- Damascena, L. G., França, R. D., & Silva, J. D. G. (2016). Relação entre locus de controle e resiliência: um estudo com profissionais contábeis. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(29), 69-90. DOI: [10.5007/2175-8069.2016v13n29p69](#)
- Dela Coleta, J. A. (1982). *Atribuição de causalidade: teoria e pesquisa*. Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Denhardt, J., & Denhardt, R. (2010). Building organizational resilience and adaptive management. In J. W. Reich, A. J. Zautra, J. S. Hall (Ed.). *Handbook of adult resilience* (pp. 333-349). The Guilford Press.

- Fernandes, B. V. R., Lima, D. H. S., Vieira, E. T., & Niyama, J. K. (2011). Análise da percepção dos docentes dos cursos de graduação em Ciências Contábeis do Brasil quanto ao processo de convergência às normas internacionais de contabilidade aplicadas no Brasil. *Revista Contabilidade e Controladoria*, 3(3), 24-50. DOI: [10.5380/rcc.v3i3.22049](https://doi.org/10.5380/rcc.v3i3.22049)
- Garnezy, N., Masten, A. S., & Tellegen, A. (1984). The study of stress and competence in children: A building block for developmental psychopathology. *Child Development*, 55(1), 97-111. DOI: [10.2307/1129837](https://doi.org/10.2307/1129837)
- Grotberg, E. H. (2005). Introdução: novas tendências em resiliência em Melilli. In E. N. S. Ojeda et al. (Ed.). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas* (pp. 11-13). Artmed.
- Hair Jr., Babin, B., Money, A., & Samouel, P. (2005). *Fundamentos de métodos de pesquisa em administração*. Bookman Companhia.
- Haveroth, J., Ganz, A. C. S., Bilk, Â., & Silva, M. Z. (2019). Relação entre locus de controle e resiliência de acordo com as características sociais dos estudantes de Contabilidade. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 13(1), 110-131. DOI: [10.17524/repec.v13i1.1845](https://doi.org/10.17524/repec.v13i1.1845)
- Kaufmann, P. J., Welsh, D. H. B., & Bushmarin, N. V. (2010). Locus de controle e empreendedorismo na República Russa. *Teoria e Prática do Empreendedorismo*, 20(1), 43-56.
- Klonowicz, T. (2001). Discontented people: reactivity and locus of control as determinants of subjective well-being. *European Journal of Personality*, 15(1), 29-47. DOI: [10.1002/per.387](https://doi.org/10.1002/per.387)
- La Rosa, J. (2012). Locus de controle: uma escala de avaliação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 7(03), 327-344.
- Levenson, H. (1981). Differentiating among internality, powerful others, and chance. In H. M. Lefcourt (Ed.). *Research with the locus of control construct* (pp. 15-63). Academic Press.
- Loosemore, M., & Lam, A. S. Y. (2004). The locus of control: A determinant of opportunistic behaviour in construction health and safety. *Construction Management and Economics*, 22(4), 385-394. DOI: [10.1080/0144619042000239997](https://doi.org/10.1080/0144619042000239997)
- Luthar, S. S. (1991). Vulnerability and resilience: A study of high-risk adolescents. *Child Development*, 62(3), 600-616. [Link](#)
- Mansor, N., Che-Ahmad, A., Ahmad-Zaluki, N. A., & Osman, A. H. (2013). Corporate governance and earnings management: A study on the Malaysian family and non-family owned PLCs. *Procedia Economics and Finance*, 7, 221-229. DOI: [10.1016/S2212-5671\(13\)00238-4](https://doi.org/10.1016/S2212-5671(13)00238-4)
- Masten, A. S., & Wright, M. O. (2010). Resilience over the Lifespan: Developmental Perspectives on Resistance, Recovery, and Transformation. In J. W. Reich, A. J. Zautra, J. S. Hall (Ed.). *Handbook of adult resilience* (pp. 213-237). The Guilford Press.
- Ng, T. W. H., Sorensen, K. L., & Eby, L. T. (2006). Locus of control at work: a meta-analysis. *Journal of Organizational Behavior*, 27(8), 1057-1087. [Link](#)
- O'Brien, G. E. (1984). Locus of control, work and retirement. In H. M. Lefcourt (Ed.). *Research with the Locus of control construct: Extensions and limitations* (vol. 3, pp. 7-72). Academic Press.
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Avanci, J. Q., Santos, N. C., Malaquias, J. V., & Carvalhaes, R. (2005). Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 436-448. DOI: [10.1590/S0102-311X2005000200010](https://doi.org/10.1590/S0102-311X2005000200010)
- Pettit, T. J., Fiksel, J., & Croxton, K. L. (2010). Ensuring supply chain resilience: development of a conceptual framework. *Journal of Business Logistics*, 31(1), 1-21. DOI: [10.1002/j.2158-1592.2010.tb00125.x](https://doi.org/10.1002/j.2158-1592.2010.tb00125.x)
- Portzky, M., Wagnild, G., De Bacquer, D., & Audenaert, K. (2010). Psychometric evaluation of the Dutch Resilience Scale RS-nl on 3265 healthy participants: a confirmation of the association between age and resilience found

- with the Swedish version. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 24(Suppl. 1), 86-92. DOI: [10.1111/j.1471-6712.2010.00841.x](https://doi.org/10.1111/j.1471-6712.2010.00841.x)
- Reed, S. A., Kratchman, S. H., & Strawser, R. H. (1994). Job satisfaction, organizational commitment, and turnover intentions of United States accountants. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 7(1), 31-58. DOI: [10.1108/09513579410050371](https://doi.org/10.1108/09513579410050371)
- Reich, J. W., Zautra, A. J., & Hall, J. S. (Ed.). (2010). *Handbook of adult resilience*. Guilford Press.
- Richardson, G. E. (2002). The metatheory of resilience and resiliency. *Journal of Clinical Psychology*, 58(3), 307-321. DOI: [10.1002/jclp.10020](https://doi.org/10.1002/jclp.10020)
- Rodrigues, D. M. (2007). *Os aspectos cognitivos da qualidade de vida: um estudo entre as variáveis do locus de controle e as do bem-estar subjetivo* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. [Link](#)
- Rodrigues, D. M., & Pereira, C. A. A. (2007). A percepção de controle como fonte de bem-estar. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(3), 181-196. [Link](#)
- Rogge, J. F. N., & Lourenço, M. L. (2015). A resiliência humana no ambiente acadêmico de cursos *stricto sensu*. *Revista de Administração IMED*, 5(3), 291-301. DOI: [10.18256/2237-7956/raimed.v5n3p](https://doi.org/10.18256/2237-7956/raimed.v5n3p)
- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological monographs: General and applied*, 80(1), 1-28. DOI: [10.1037/h0092976](https://doi.org/10.1037/h0092976)
- Santos, A. C. M. (2011). *Um estudo da associação da resiliência do gestor e o sucesso do empreendimento no contexto das micro e pequenas empresas* [Dissertação de Mestrado, Faculdade Campo Limpo Paulista]. [Link](#)
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. D. (2011). Relações entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na abordagem da psicologia positiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 658-665. DOI: [10.1590/S0102-79722011000400005](https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000400005)
- Serin, N. B., Serin, O., & Sahin, F. S. (2010). Factors affecting the locus of control of the university students. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 2(2), 449-452. [Link](#)
- Silveira, D. R., & Mahfoud, M. (2008). Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 567-576. DOI: [10.1590/S0103-166X2008000400011](https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400011)
- Tugade, M. M., & Fredrickson, B. L. (2004). Resilient individuals use positive emotions to bounce back from negative emotional experiences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 86(2), 320. DOI: [10.1037/0022-3514.86.2.320](https://doi.org/10.1037/0022-3514.86.2.320)
- Vera Noriega, J. Á., Albuquerque, F. J. B. D., Laborín Alvarez, J. F., Oliveira, L. M. S., & Coronado, G. (2003). Locus de controle em uma população do nordeste brasileiro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3), 211-220. DOI: [10.1590/S0102-37722003000300003](https://doi.org/10.1590/S0102-37722003000300003)
- Wagnild, G. M., & Young, H. M. (1993). Development and psychometric. *Journal of Nursing Measurement*, 1(2), 165-178.
- Xue, S., Kidd, M. P., Le, A. T., Kirk, K., & Martin, N. G. (2020). The role of locus of control in adulthood outcomes: Evidence from Australian twins. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 179, 566-588. DOI: [10.1016/j.jebo.2020.09.018](https://doi.org/10.1016/j.jebo.2020.09.018)
- Zautra, A. J., Hall, J. S., & Murray, K. E. (2010). Resilience: a new definition of health for people and communities. In J. R. Reich, A. J. Zautra, & J. S. Hall (Ed.). *Handbook of Adult Resilience* (pp. 3-30). Guilford.



**Contato:**

Francielle Corazza

E-mail: [francicorazza@hotmail.com](mailto:francicorazza@hotmail.com)

André Carlos Einsweiller

E-mail: [andre.einsweiller@unoesc.edu.br](mailto:andre.einsweiller@unoesc.edu.br)

Antonio Zanin

E-mail: [zanin.antonio@ufms.br](mailto:zanin.antonio@ufms.br)

Cristian Baú Dal Magro

E-mail: [crisbau@unochapeco.edu.br](mailto:crisbau@unochapeco.edu.br)

Edicreia Andrade dos Santos

E-mail: [edicreiaandrade@yahoo.com.br](mailto:edicreiaandrade@yahoo.com.br)

**Submetido em:** 16/11/2020

**Revisado em:** 16/11/2021

**Aprovado em:** 07/12/2021